

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria de Fátima Castro

Mudança de Comportamento dos alunos na transição do 2º para o 3º ciclo.

Belo Horizonte

2012

Maria de Fátima de Castro

Mudança de Comportamento dos alunos na transição do 2º para o 3º ciclo.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Libéria Rodrigues Neves

Belo Horizonte

2012

Maria de Fátima de Castro

Mudança de Comportamento dos alunos na transição do 2º para o 3º ciclo.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Libéria Rodrigues Neves

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Libéria Rodrigues Neves – Faculdade de Educação da UFMG

---

Maria Alice Moreira Lima – Faculdade de Educação da UFMG

## **RESUMO**

Este trabalho consiste na apresentação de uma Pesquisa realizada em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Seu objetivo principal foi a busca pela compreensão do que ocorre (mudanças psíquicas e comportamentais) com os alunos na transição do 2º Ciclo para o 3º Ciclo – por volta dos doze aos quatorze anos, que muitas vezes interferem nos processos de aprendizagem e ensino. Fez-se uso de entrevistas com alunos e professores, além de observações dos alunos durante seus períodos dentro da escola. Para tal, buscou-se teorias referentes ao tema Adolescência e Educação.

**Palavras chave:** Adolescência; ciclo; transição; comportamento; Educação.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>3. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>4. REFLEXÕES TEÓRICAS</b>	<b>16</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>18</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>20</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A educação é uma prática importante para a dinâmica da sociedade e suas possibilidades de colaborar para a transformação social e a emancipação dos cidadãos dependem em grande parte dos mecanismos que se dispõem para a construção do sucesso escolar. Sendo a educação um direito a que todo indivíduo, todo cidadão deve ter acesso precisamos ser capazes de conhecer e analisar o modo como se organiza e funciona o sistema educacional brasileiro, para que nossa atividade esteja sempre orientada para realização dos objetivos esperados.

A educação escolar é a inserção do indivíduo na sociedade apesar das diferenças sociais, econômicas e culturais. O homem é o grande percussor da cultura e tem a capacidade de produzir sua própria história.

Pensando em minha experiência de vida, meus primeiros educadores foram meus pais todas as questões de valores, desejos, sonhos vieram deles. Mas com o passar do tempo experiências novas foram adquiridas e as transformações foram acontecendo; algumas mudanças chegaram e muitas coisas permaneceram intactas como aprendizados para a vida toda.

Como professora muitas mudanças aconteceram desde que iniciei minha vida profissional há mais de 20 anos atrás. Tive grandes formadores e guardo um pouco de cada um deles comigo, mas também criei meu estilo que vive em constante transformação aproveitando um pouquinho de tudo. E na profissão que escolhi a experiência do outro conta muito para enriquecer a minha prática.

Como aluna nunca foi a primeira da turma, mas era boa, quieta e um tanto tímida; sempre ouvi mais do que falei. Já como professora, sou ousada, questionadora, pesquisadora busco estar sempre sintonizada com minha turma sendo cuidadosa na avaliação que faço dos alunos para não cometer erros.

O educador precisa desenvolver a capacidade de se questionar, para estar sempre descobrindo erros e a forma de melhorar o que já existe. Refletir nem sempre é sinônimo de pensar. Longe de ser algo, aleatório, implica método e regularidade. Mais que isso, pressupõe uma intenção: solucionar

problemas, tomar decisões, avaliar o próprio trabalho, organizar as ideias, compreender o que esta acontecendo, ou seja, dar sentido a prática. Profissionais reflexivos são autônomos e não se contentam com o que aprenderam durante a formação inicial; reexaminam constantemente seus objetivos, procedimentos, saberes, num ciclo permanente de aperfeiçoamento. Ação/reflexão/ação é tentar compreender fracassos, projetar o futuro, mudar de ideia, enfim, buscar o como e o porquê das coisas.

No mundo da tecnologia da comunicação, da vanguarda de informação, se faz necessário que assumam outro papel no trabalho de transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em sabedoria e vida. Englobar a educação no processo de socialização, transmissão e aprendizagem da cultura enfocando uma permanente tensão entre manutenção de antigas tradições e a produção de novas, favorecendo uma diversidade cultural capaz de transformar, ao longo de nossa história, capacidades adquiridas socialmente pelos seres humanos.

Esta relação existe por meio da linguagem, dos hábitos, das histórias, das instituições num sentido aberto de comunicação e transformação do conhecimento em cultura, dos tempos longínquos até os atuais, para representar objetos e ideias de grupos sociais e culturais produzidos e utilizados pelo homem através de estímulos na busca de conhecimento presente no dia - a -dia produzindo ações recíprocas do homem com o meio.

A sociedade nos apresenta de forma única, mas, as maneiras de vivermos e convivermos nela são diferentes. Precisamos lembrar e procurar apontar aquilo que tem a ver com nosso trabalho: a relação com o transporte, tal como é organizado na cidade (ou com a falta dele), a ligação com o lazer que acontece lá fora (ou a ausência dele), o vínculo com as inúmeras formas de culto religioso, as interferências das práticas familiares e seus valores... O fato é que a escola tem tudo a ver com tudo isso.

Ela só constrói sua identidade no contexto de que faz parte e nos segmentos que a compõem levando em conta os valores do contexto e as necessidades e exigências dos segmentos. E essa identidade se afirma na articulação, no diálogo e nas ações concretas que a escola promove e

desenvolve com as outras instituições sociais: a família, os partidos políticos, as igrejas, as associações, as empresas.

Muito se tem falado sobre a necessidade de diálogo entre a escola e a comunidade. Mas raras vezes se explicita o que é isso. Diálogo pressupõe diversidade. É essencial estabelecer o que se pode fazer junto, na especificidade do papel de cada instituição, de cada grupo, de cada setor envolvido no trabalho educativo. Gosto muito da ideia de que uma boa aula é a que leva os participantes para fora da sala.

Da mesma forma, a melhor escola é a que leva todos os que fazem parte dela para fora, que abre as portas para o mundo - e, ao mesmo tempo, busca trazer para seu interior os saberes e os criadores desses saberes, muitos deles vizinhos e parceiros de práticas sociais criativas e emancipadoras. A Educação é processo de socialização da cultura, de criação e recriação de saberes e valores, de ampliação do conhecimento. O empenho da escola deve ser na construção de uma Educação da melhor qualidade. E essa qualidade pode, sim, ser conseguida na abertura à comunidade e na criação de espaços de diálogo.

A educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura. A escola deve representar vida presente. Tão real e vital para a criança como o que ela vive em casa, no bairro ou no pátio. (John Dewey, 1964, p.430)

Vygotsky, assim como Piaget, defende a ideia de que a criança não é a miniatura de um adulto e sua mente funciona de forma bastante diferente. Esta compreensão tem grandes implicações para os professores porque nos obriga a compreender o aluno da forma com que ele é, e não da forma com que nós compreendemos o mundo.

Diante de observações feitas no período de 6( seis) anos na coordenação do 2º ciclo comecei a notar algumas mudanças comportamentais nos alunos na transição do 2º para o 3º ciclo. Ao refletir sobre minha identidade profissional considero-me responsável e dedicada. Apesar disso, estou insatisfeita com minha prática pedagógica. Tal insatisfação é decorrente da dificuldade de grande parte dos alunos que não conseguem alcançar os

objetivos propostos pela escola. Esses alunos mudam seu comportamento e isso me instiga. Onde buscar as causas dessa mudança de comportamento?

Foi esse espírito inquieto e investigador que me trouxe a esse curso de especialização e que me motivou a fazer essa Análise crítica da Prática Pedagógica e realizar um plano de ação. O tema que me convoca refere-se à mudança de comportamento dos alunos ao longo de sua vida escolar.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO**

A Escola Municipal Fernando Dias Costa, escola alvo dessa ACP (Análise Crítica da Prática Pedagógica) foi criada em 30 de janeiro de 1991, através do Decreto nº 6760 e está localizada no Conjunto Taquaril, na periferia da Zona Leste de Belo Horizonte. Sua história está diretamente ligada à história do crescimento do bairro, ela resultou de uma das lutas dos primeiros moradores. Quando a escola começou muitos alunos ainda moravam em barracas de lona. Ao longo dos anos, o Taquaril cresceu e se organizou.

Considero que essa escola tem um ambiente de trabalho amistoso. Existe uma preocupação, da maioria dos professores, com a aprendizagem dos alunos. Por isso, há uma intensa troca de experiências pedagógicas na busca de meios mais eficientes para desenvolver a aprendizagem escolar.

Hoje os alunos atendidos pela escola ainda são considerados carentes do ponto de vista socioeconômico, mas tem uma estrutura mínima de casa de alvenaria, a maioria com banheiro, ruas pavimentadas, etc.

A Escola atende alunos de todos os ciclos de escolaridade. O atendimento acontece da seguinte forma: turno da manhã, alunos de todas as etapas do 2º ciclo e algumas etapas do 3º ciclo; turno da tarde, alunos de todas as etapas do 1º ciclo e algumas etapas do 3º ciclo; turno da noite alunos da EJA. Os alunos também são atendidos na Escola Integrada que, além de utilizar o prédio da escola necessitou alugar espaços fora da mesma para viabilizar o atendimento aos alunos que ficam o dia inteiro na escola.

O grupo de professores é formado por 35 professores no 1º turno, 34 professores no 2º turno e 05 professores na EJA. São professores comprometidos e preocupados com o processo escolar dos alunos.

Grande parte das famílias dos alunos da Escola é assistida por programas sociais como Bolsa Família, Bolsa Escola. Muitos pais são analfabetos funcionais e não têm estrutura para acompanhar efetivamente a vida escolar dos filhos. E devido às dificuldades financeiras questões culturais como: acesso a livros, jornal, revistas, visita a museus e cinemas, ficam a cargo somente da Escola.

Dentro das especificidades de nossa clientela tão caracterizada pela diferença no ato de aprender é necessário respeitar o tempo e o ritmo de cada um. É preciso garantir a equidade também no tempo dado a cada um. Não defendemos que as crianças fiquem tempos indeterminado na escola, mas que tenham o tempo necessário para consolidar suas aprendizagens.

Entretanto, não poderíamos afirmar que a mudança visível ocorrida nos alunos, na passagem do 2º ciclo para o 3º ciclo, refere-se a essas questões sociais.

Alunos que antes eram participativos, que se mostravam bastante interessados e que atendiam às solicitações da escola, passam a ser atrevidos e até mesmo grosseiros, dependendo da intervenção que é feita em relação ao seu comportamento. A relação com o estudo muitas vezes deixa de ser importante e as brincadeiras tornam-se uma constância. Fatores que são percebidos pelos professores e interpretados de maneira bem negativa. Para estes, chega ao 3º Ciclo um “novo aluno”, cheios de falhas tanto no aprendizado como no comportamento, o que torna a adaptação, em muitos casos, mais complicada.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho propõe-se a investigar os elementos que consideramos fundamentais para a compreensão da relação que professor e alunos mantêm na escola atual, tendo como pano de fundo as transformações observadas nas relações.

Para tanto, essas relações serão analisadas em sua historicidade, o que nos permite apreendê-las a partir das transformações que ocorrem na organização e no funcionamento da sociedade em que vivemos. E o momento em que estamos é o mais fecundo da história quando tratamos de transformações sociais.

### **3. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO**

Partindo dessas questões, decidiu-se por construir um Plano de Ação que teve como objetivo compreender em que aspectos ocorrem às mudanças de comportamento observáveis nos alunos do 2º ciclo na transição para o 3º ciclo. Desse modo, partindo-se das questões:

- ⤴ Visão do professor em lidar com a “mudança” dos alunos ao chegarem no 3º ciclo?
- ⤴ Há conflitos entre quem ensina e quem aprende?
- ⤴ Que imagem os professores criam em relação aos alunos?
- ⤴ O que os alunos esperam dos professores?

Embora seja um tema recorrente no dia a dia dos professores e alunos, a questão é ainda insuficientemente discutida na literatura científica. Decidiu-se por construir um Plano de Ação que usasse uma abordagem de cunho etnográfico. Utilizou-se com recurso metodológico entrevista semiestruturada com um grupo representativo no que se refere ao problema que se pretendeu pesquisar.

Partiu-se das seguintes perguntas direcionadas a alunos e professores:

- ⤴ Qual é sua visão como professor (a) sobre a “mudança” dos alunos ao chegarem no 3º ciclo?
- ⤴ Você acha que há um conflito entre quem ensina e quem aprende?

- ⤴ Há conflito entre a imagem que o professor faz do aluno que vai receber do 2º para o 3º ciclo e as expectativas dos mesmo sobre o que vai ser ensinado?
- ⤴ O que você acha que os alunos esperam dos professores?
- ⤴ E você o que espera desse aluno que esta recebendo?

A escolha deste tema tem como objeto de estudo as angústias surgidas a partir da minha própria prática pedagógica enquanto professora. Embora seja um tema recorrente no dia a dia dos professores e alunos, a questão é ainda insuficientemente discutida na literatura científica.

Numa investigação como esta, a análise dos dados tende a ser realizada paralelamente ao trabalho de campo, uma vez que o que se vê e se ouve vai sendo constantemente interpretado, e permite que o investigador possa repensar suas estratégias para o prosseguimento da investigação.

A ideia inicial era a de escolher uma turma que tivesse um perfil diferenciado em termos de comportamento.

Atuando no 2º ciclo como coordenadora pedagógica, passei a observar o comportamento dos alunos que faziam a transição para o 3º ciclo. Os alunos em questão ficavam no 2º ciclo por três (3) etapas durante 3 anos com uma professora referência e um projeto.

Comecei a observar os alunos nos horários do recreio, na saída, nos corredores e em algumas visitas programadas pela escola (passeios, excursões), além dos momentos em que as aulas aconteciam em outros espaços (vídeos, informáticas, quadras).

Embora tivesse estabelecido, a todo o momento, conversas informais com professores e alunos, a rotina imposta pela escola não permitia um aprofundamento de determinadas questões. Foi, assim, realizadas entrevistas semiestruturadas (sempre gravadas) com alunos (somente 7) e professores (5 do 3º ciclo).

As entrevistas com os alunos foram realizadas na própria escola e perfizeram um total de 5 (cinco). A seleção dos alunos obedeceu, primeiramente, ao critério comportamento (mais e menos agitados) e por critério participação (alunos com perfil avaliados pelos professores).

Contudo, era preciso contar com o interesse dos alunos em ser entrevistados e, ao mesmo tempo, com a disponibilidade de horário, já que os mesmos tinham que se ausentar das aulas para que as entrevistas pudessem ser realizadas.

No que diz respeito às entrevistas com os professores, pude contar com a colaboração dos professores de ciências, matemática (2), que se mostraram dispostos a conceder a entrevista.

Foi possível notar que a maioria dos professores associa as formas de comportamentos consideradas triviais, menos graves; e que feririam mais especificamente as regras que visam assegurar as condições necessárias à realização do trabalho pedagógico a “indisciplina”.

Intimamente imbricadas nesse processo, encontra-se relações sociais e de identidade, que implicam em determinadas formas de se engajar no aprender. Charlot (2000) argumenta que:

*(...) qualquer relação com o saber comporta também uma dimensão de identidade: aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si (p. 72).*

A partir das entrevistas com os grupos anteriormente descritos, foi possível colher os seguintes dados:

No que se refere aos alunos, percebemos este como um período de difícil - de adaptação, mudanças (inclusive corporais e psíquicas) e muitas responsabilidades. Os alunos entendem que as exigências aumentam ao mesmo tempo em que se verifica um sentimento de maior liberdade, visto que, com maior um número de professores (no 3º Ciclo), as cobranças em relação ao comportamento ficam mais “frouxas”.

Os participantes foram alunos que acabaram de sair do 2º ciclo e passaram a cursar o 3º ciclo com faixa etária entre 12 a 14 anos, então cursando o 7º ano. As entrevistas foram construídas com o objetivo de coletar dados que pudessem me orientar quanto à mudança de comportamento que, enquanto professora, observava nos vários espaços da escola. As falas dos alunos foram as seguintes.

“(...) Acho que mudou. Aprender mais coisas que já aprenderam no 2ª ciclo.”

“(...) as matéria aumentam mais e as exigências aumentam.”

“(...) acho normal estar no 3ª ciclo.”

“(...) acho que mudou para melhor. Gosto desta mudança de professores.”

“(...) comecei a gostar mais de matemática.”

“(...) Mudou meu comportamento. Brinco mais.”

“(...) Estou mais desafiador. Acho que estou diferente.”

“(...) Meu relacionamento com os professores está normal. Normal sem muita exigência como era no 2ª ciclo. Tais como: fila, ordens.

“(...) Esta troca de professor me incomoda. Estou custando me acostumar.

Entretanto, para a maioria dos alunos, ir à escola apresenta muito sentido: é preciso ir à escola, para mais tarde ter uma “profissão” para ter uma vida normal.

Já os relatos de muitos professores que ensinam crianças e adolescentes revela que há uma mudança radical no tipo de relação estabelecida pelos alunos quando na puberdade. Haja vista que, muitos professores associam o mau comportamento com a indisciplina. Muitos dos professores acham que o jeito de cada um lidar com sua disciplina também implica no comportamento dos alunos, pois, para alguns dos entrevistados se o

aluno não compreende a matéria, esta dificuldade pode interferir no seu jeito de agir na escola.

“(…) Bom. O aluno ao sair do 2ª ciclo para o 3ª ciclo se depara com uma realidade totalmente diferente. Anteriormente eles tinham uma professora que era referência e em alguns dias alternados um professor projeto.”

“(…) Quando chegam ao 3ª ciclo são 5,6,7 professores diferentes. Eles tem um impacto muito grande são 7 personalidades diferentes tendo que se lidar.”

“(…) Cada professor tem uma didática diferente, tem aquelas coisas que permitem e não permitem. Eles têm que acostumar com o jeito de cada professor.”

“(…) É uma linguagem diferente.”

“(…) Demoram um pouco para se adaptarem.”

“(…) Adolescência é uma fase muito difícil e eles querem testar agente o tempo todo.”

“(…) Postura firme. Jeito de trabalhar. Experiência.”

“(…) eu acho que eles não esperam muita coisa não. Eles vão testando que cada um determina.”

“(…) Chegam com base muito fraca. Às vezes não estão alfabetizados e para nós que não somos alfabetizadores fica muito difícil.”

Diante das leituras realizadas ao longo do curso do LASEB, bem como das observações feitas e das entrevistas com os professores e alunos pude analisar que há vários fatores interferindo nesse processo de mudança de comportamento.

Percebe-se que para os alunos a escola representa um conjunto de expectativas e julgamentos que se referem, ao mesmo tempo, às disciplinas estudadas, aos professores e à escola como espaço de relacionamento. Por

outro lado, os professores acham que há um impacto muito grande, uma vez que no 2º Ciclo os alunos contam com no máximo de 1 (um) ou 2(dois) professores e nessa mudança de ciclo são mais 7 (sete) professores, 7(sete) personalidades diferentes. Cada um com uma didática, permitindo ou não permitindo algumas coisas, linguagens diferentes.

#### **4. REFLEXÕES TEÓRICAS**

Não é demais lembrar que a relação que se estabelece entre professor e alunos com fins pedagógicos é uma espécie do gênero “relações humanas”, ou seja, uma relação secundária, já que a mesma é mediada, burocraticamente, pelo conteúdo a ser transmitido no processo de ensino e aprendizagem; ao contrário de uma relação primária, como é o caso da relação mãe-filho, que ocorre sem mediadores.

As relações estabelecidas entre professor e alunos, segundo CUNHA (2001), acontecem no palco de uma sociedade e, portanto, são profundamente marcadas pelas contradições sociais. Tal como a relação que os alunos têm com a adolescência.

O termo adolescência é usado com vários significados em contextos diversos.

Cabe apresentar o modo como esse termo é utilizado neste trabalho, distinguindo-o do termo Puberdade. Este se refere ao “período de transição entre a infância e a adolescência no qual ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e a aceleração do crescimento, levando ao início das funções reprodutivas” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa); portanto, vinculado aos aspectos orgânicos e discutido no âmbito das ciências biológicas, sobretudo.

A puberdade é provocada pela liberação dos hormônios que agem como mensageiros poderosos; capazes de estimular o crescimento e a mudança de muitas partes diferentes do corpo.

A adolescência pode ser compreendida como “fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem à juventude e que começa após a puberdade” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). Geralmente, discutida no âmbito das ciências humanas – psicologia e psicanálise.

Do ponto de vista cognitivo, Jean Piaget destaca esse período como o de aparição de profundas mudanças qualitativas na estrutura do pensamento; período das operações formais; pensamento científico; lógicos; raciocínio social; autonomia.

O psicanalista Contardo Calligaris (2000) propõe analisar a adolescência e suas implicações na sociedade atual, como um mito criado no início do século XX e uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. Caberia então entender como os jovens chegam hoje à adolescência, num momento evidente de culto a esse período da vida, e mais que isto, explicar como isso nos afeta a todos.

Sendo uma criação social relativamente recente, a adolescência se constituiria enquanto um período de moratória, na qual uma pessoa fisicamente adulta é deliberadamente impedida de entrar na sociedade dos adultos. De acordo com Calligaris (2000):

*Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais (p.8-9).*

A adolescência seria então o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Na cultura ocidental burguesa, ela coloca pessoas potencialmente capazes a agir no mundo, submetidos a uma moratória.

*(...) Erikson entende a crise da adolescência como efeito dos nossos tempos. Para ele, a rapidez das mudanças na modernidade torna problemática a transmissão de uma tradição de pais para filhos adolescentes. Estes devem, portanto se constituir, se inventar, sem referências estáveis. Erikson foi o primeiro a usar o termo "moratória" para falar de adolescência. Também foi um dos raros a perceber que a crise da adolescência se tornava muito difícil de administrar, já que o mesmo tipo de crise começava a assolar os adultos modernos (CALLIGARIS, 2000, p.7).*

Cabe destacar que diante das referências teóricas citadas e das entrevistas realizadas com alunos, para a grande maioria, ir à escola apresenta muito sentido, pois, este significa para os mesmos um espaço no qual, segundo eles, estão sendo formados para o futuro. E para os professores entrevistados esta é uma fase complicada onde a rebeldia é grande e os conflitos são constantes.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizando com a sensação de que muito ainda há para ser investigado e de que nem tudo foi dito.

Todos que se propuseram a falar estavam ali como sujeitos do próprio discurso e da própria prática, querendo transmitir sua ação pedagógica e buscando construir um saber sobre essa ação.

Assim, foi interessante verificar que todos os entrevistados (alunos e professores) eram bastante exigentes em relação as suas posições.

Os alunos se mostraram dispostos a comentar o assunto, respondendo sempre de forma muito objetiva. Para eles a diferença estava no número maior de professores e nas exigências que aumentaram.

A realização deste trabalho foi muito gratificante. Todavia, e de acordo com os objetivos previamente estabelecidos para este trabalho, foi possível

identificar formas variadíssimas de comportamentos discentes e docentes que, de alguma maneira dificultam as formas de comportamento consideradas triviais, e que ferem mais especificamente as regras que visam assegurar as condições necessárias à realização do trabalho pedagógico.

Segundo ALMEIDA (2000), a cultura e seus significantes, e por fim a educação são essenciais nesse processo. Ela observa que, no âmbito da educação, pode ocorrer a identificação do adolescente ao mestre ou a desqualificação de sua autoridade. Essa relação transferencial gera do lado do adolescente uma série de moções ambivalentes, e do lado do adulto/educador um mal-estar inerente à tarefa educativa, pois este se encontra, em função de sua posição, remetido às suas próprias renúncias e às exigências de seus ideais educativos.

Com o Curso de Especialização “Aprendizagem e Ensino na Educação Básica”, ministrado pelo LASEB, aliado à prática, neste trabalho descrito, conclui-se que estimular a articulação entre a prática dos professores no cotidiano da Escola e da sala de aula amplia conhecimentos e garante a realização de processos de reflexão abrangentes sobre a prática escolar.

Portanto, qualquer tipo de intervenção a ser pensada a partir das constatações que aqui chegamos, devem basear-se em consolidar as trocas de experiências e os diálogos sobre os desafios da realidade das Escolas da rede Municipal de Educação de Belo Horizonte; ampliando a possibilidade dos professores qualificados no curso contribuir efetivamente para a melhoria do ensino.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.F.C. *Desejo e a Aprendizagem na Criança: O Conhecimento como uma Significação Fálica*. In: Revista sobre Infância com Problemas – Estilos da Clínica, ano III, n.5. São Paulo: USP- Instituto de Psicologia, 1998.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. SMED. *Escola Plural: Proposta Político Pedagógica*. Belo Horizonte: SMED, 1994.

CALLIGARIS, CONTARDO. *A Adolescência*. São Paulo. Publifolha, 2.000.

CUNHA, M. I. *A Relação Professor-aluno*. In: VEIGA, I.P.A. Repensando a Didática. Campinas: Papyrus, 2001.p.145-155.

CHARLOT, Bernard (org.). *Os Jovens e o Saber*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da Relação com o Saber*. Porto Alegre Ed. Artmed, 2000.

DEWEY, John. *My Pedagogic Creed*. School Journal. vol.54 (January 1897), pp.77-80. In: Revista Presença Pedagógica, v. 2, n. 8. mar/abr, 1996.

GUTIERRA, Beatriz C. C. *Adolescência, Psicanálise e Educação: O Mestre "Possível" de Adolescentes*. São Paulo: Avercamp, 2003.

SOUZA, Vilma de. *A Relação Professor-Aluno*. In; CONGRESSO BRASILEIRO DE ADOLESCÊNCIA DA SBP, 5, 1993, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: [s.n],1993.p. 439-440.

VYGOTSKY, L.S. *Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.